



PAPA FRANCISCO

Quem sou eu para julgar?

Considerações de Sua Santidade sobre os temas mais polémicos da atualidade: aborto, divórcio, novos escravos, homossexualidade, fundamentalismo, pedofilia, máfia, eutanásia, contraceção.

Índice

PRIMEIRA PARTE

NÃO JULGUEIS PARA NÃO SERDES JULGADOS	15
O perigo de julgar	17
Olhar mais além	18
A misericórdia acima do juízo	19
O juízo dos pequenos	20
Juízo e condenação	21
Calar	22
Não aos mexericos	23
Se uma pessoa é <i>gay</i>	24
Compreensão e perdão	25
A graça de alargar o coração	25
O sacerdote de hoje	26
A misericórdia do confessor	28
O drama do aborto	28
Confissão e juízo	29

SEGUNDA PARTE

TODOS NÓS SOMOS FRÁGEIS	31
1. DIVORCIADOS, SEPARADOS, RECASADOS	33
Próximos de quem está em crise	33
Integração, sim; excomunhão, não	34
Não à discriminação	35
Famílias <i>replay</i>	35
Portas abertas	36
Não só leis morais	37
Quando a separação é inevitável	38

2. FAMÍLIAS EM CRISE	39
Jesus não exclui ninguém	39
A importância da educação	40
O fracasso da vida matrimonial	41
Famílias que sofrem	42
Pobrezas materiais e espirituais	43
Os fardos a carregar	44
3. PRESOS	45
Os caminhos da vida	45
Todos nós estamos feridos	46
Uma nova história	48
Se temos errado na vida	49
Presos e reinserção	50
Aprender a levantar-se de novo	51
Transformar o passado	52
A porta da cela.....	53
Próximos de quem sofre	54
Acusar-se a si mesmo	55
Porquê ele e não eu?.....	56
4. PESSOAS HOMOSSEXUAIS	59
Respeitar e acolher	59
Deus ama todas as suas criaturas	60
A nova lei	60
A Igreja não pode condenar	61
5. NOVOS ESCRAVOS	63
Não fechemos os olhos	63
Escravidões modernas	64
Não ferir a dignidade	65
A alegria do renascimento	66
Sem liberdade	67

6. IDOSOS	69
Proteger o idoso	69
Os idosos somos nós	70
Combater a exclusão	72
A carícia de um idoso	72
O valor da memória	74
O ensinamento dos avós	75
7. CRIANÇAS	77
As feridas das crianças	77
Os sofrimentos das crianças	78
O dom dos pequenos	79
As responsabilidades dos adultos	80
As nossas promessas	82
8. JOVENS	84
O amor «concreto»	84
Sonhar	85
De pé!	86
Desejo de liberdade	87
Jovens «aposentados»	88
As ameaças à esperança	89
Contra as dependências	90
Contra o recrutamento	91
A capacidade de escolher	92
O flagelo da droga	93

TERCEIRA PARTE

JULGAR O PECADO E NÃO O PECADOR.....	95
1. FUNDAMENTALISMO	97
Deus como pretexto	97
Islamofobia e cristianofobia	98
Respeito pelo outro	99

As conseqüências da provocação	100
Liberdade de expressão	101
2. PEDOFILIA	103
Nas famílias	103
Uma monstruosidade	104
Exploração	105
O ataque à Igreja	106
Tolerância zero	106
Às vítimas de abusos	107
3. RELATIVISMO	109
A verdade subjetiva	109
A ilusão do relativismo	110
Identidade e diálogo	111
Fé e subjetivismo	112
O espírito do mundo	113
A lógica do «usa e deita fora»	115
4. INDIVIDUALISMO	117
Vivemos separados uns dos outros	117
A indiferença	118
A mundanidade	119
Para lá do presente	119
O bom cristão	120
5. MÁFIA	122
Excomunhão aos mafiosos	122
Quem serve o mal?	123
Um convite à conversão	124
Os pobres constrangidos a «mafiar-se»	125
Reagir à violência	126

6. EUTANÁSIA	128
A vida «descartada»	128
Uma sociedade habituada a deitar tudo fora	129
Eutanásia oculta	130
Atentado à vida	131
7. ABORTO	132
A sacralidade da vida humana	132
Aborto e confissão	133
Apelo aos médicos	134
Compreensão e compaixão	135
O embrião	137
Proteger a vida	137
8. CONTRACEÇÃO	139
O mal menor	139
Casais «estéreis»	140
Paternidade responsável	140
Abertura à vida	141
Crescimento demográfico e redução da natalidade	142
Educação sexual e afetiva dos jovens	143

QUARTA PARTE

O JUÍZO DA HISTÓRIA SOBRE A HISTÓRIA	145
1. EUROPA	147
Exclusão e integração	147
A cultura do diálogo	148
Sonho com uma Europa... ..	149
Pontes e muros	150
O problema demográfico	151
Os valores da Europa	152

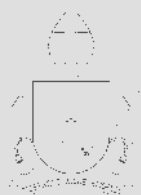
2. FÉ E RELIGIÃO	154
A fé e a realidade	154
A vida consagrada	155
Castidade «fecunda»	157
O dom do celibato	157
Obediência e docilidade	158
As mulheres na Igreja	159
3. HOMEM E MULHER	161
Reciprocidade dos papéis	161
No princípio	162
A aliança entre homem e mulher	163
O dom da maternidade	164
Um olhar diferente	166
Os mesmos direitos	166
Aprender a amar	167
4. SEXUALIDADE	169
O amor banalizado	169
O erotismo, dom de Deus	170
Desvio da sexualidade	171
Quando o amor se transforma em domínio	172
Mensagens negativas sobre os jovens	173
5. FAMÍLIAS E FUTURO	175
Proteger a família	175
Esperança e futuro	176
Crise cultural	177
Com licença, obrigado, desculpa	178
Unidade e diferença	179
O heroísmo das famílias	180
Família e matrimónio	181

6. UNIÕES CIVIS E LAICIDADE	183
Pactos civis de convivência	183
Direito à objeção de consciência	183
Discernimento sapiencial da Igreja	184
7. VIDA EM COMUM	186
A rejeição do vínculo	186
Os medos dos jovens	187
Família e uniões de facto	188
A missão dos Pastores	188
O luxo do matrimónio	189
8. MATRIMÓNIO	191
Preparação para o matrimónio	191
Os jovens e o matrimónio	192
O «divórcio católico»	193
A crise do matrimónio	194
A vocação para o matrimónio	195
O valor do sacramento.....	196
9. GÉNERO	198
Colonização ideológica	198
A teoria de género	199
Aceitar o próprio corpo	200
Aquele erro da mente humana	201
Manipulações genéticas	202
10. MARXISMO	203
O coração do Evangelho	203
Bandeiras	204
Terra, casa, trabalho	205
Sapatos vermelhos	206
Solicitude para com os pobres	207

11. ECUMENISMO E OUTRAS RELIGIÕES	208
O patriarca Bartolomeu	208
Ecumenismo do sangue	209
Diálogo com o islão	210
A porta da oração	211
A primeira experiência de ecumenismo	212
Na mesquita	213
A busca da unidade	214
12. O DRAMA DO DESEMPREGO	215
Trabalho e progresso tecnológico	215
Educar para a honestidade	216
Os novos excluídos	217
Trabalho não declarado	218
O escândalo	219
A visão economicista	220
Trabalho criativo	221
Trabalho livre	221
13. AMBIENTE E ECOLOGIA	223
Guardiões da natureza	223
O destino dos mais pobres	224
Ecologia humana	225
Os jovens e o ambiente	226
A missão dos cristãos	227
Mundo natural e mundo humano	228
Ambiente e guerras	228

PRIMEIRA PARTE

NÃO JULGUEIS
PARA NÃO SERDES JULGADOS



*A humildade evangélica leva-nos
a não apontar o dedo aos outros para julgá-los,
mas a estender-lhes a mão para levantá-los,
sem nunca nos sentirmos superiores.*

INTRODUÇÃO AO SÍNODO PARA A FAMÍLIA,
5 de outubro de 2015

O PERIGO DE JULGAR

Qual é o perigo? É que nós, presumindo ser justos, julguemos os outros. Julgamos o próprio Deus, porque pensamos que Ele deveria castigar os pecadores, condená-los à morte, em vez de lhes perdoar. Então, sim, corremos o risco de ficar fora da casa do Pai! Como aquele irmão mais velho da parábola, que, em vez de ficar contente porque o seu irmão voltou, se enfurece com o pai que o acolhe com entusiasmo.

Se a misericórdia, a alegria do perdão, não estiver no nosso coração, não estamos em comunhão com Deus, mesmo que observemos todos os preceitos, porque o amor é que salva, e não só, a prática dos preceitos. É o amor a Deus e ao próximo que permite o cumprimento de todos os mandamentos. E o amor de Deus, a sua alegria, é isto: perdoar. Ele está sempre à nossa espera! Talvez algum de nós tenha qualquer coisa a pesar-lhe no coração: «Mas eu fiz isto, fiz aquilo...» Ele espera-te! Ele é pai: Ele está sempre à nossa espera!

Se vivermos segundo a lei do *olho por olho, dente por dente*, nunca sairemos da espiral do mal. O Maligno é astuto e ilude-nos, insinuando que, com a nossa justiça humana, podemos salvar-nos e salvar o mundo. Na realidade, só a justiça de Deus nos pode salvar! E a justiça de Deus revelou-se na Cruz: a Cruz é o juízo de Deus sobre todos nós e sobre este mundo.

Mas como é que Deus nos julga? Dando a vida por nós! É esse o ato supremo de justiça que derrotou de uma vez por

todas o Príncipe deste mundo; e esse ato supremo de justiça também é, precisamente, o ato supremo de misericórdia. Jesus chama-nos, a todos, a seguir este caminho: «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso» (*Lc 6,36*).

Agora, peço-vos uma coisa. Todos em silêncio, pensemos... Cada um de nós pense numa pessoa com a qual não esteja bem, com a qual se tenha zangado, da qual não goste. Pensemos nessa pessoa e, em silêncio, neste momento, rezemos por essa pessoa e tornemo-nos misericordiosos para com ela.

ANGELUS,
15 de setembro de 2013

OLHAR MAIS ALÉM

O Evangelho que escutámos, o episódio da pecadora que unge os pés de Jesus com perfume (cf. *Lc 7,36–50*), abre-nos um caminho de esperança e de consolação. Há o amor da mulher pecadora que se humilha diante do Senhor; mas, antes disso ainda, há o amor misericordioso de Jesus por ela, que a leva a aproximar-se.

Esta mulher encontrou-se de verdade com o Senhor. No silêncio, abriu-lhe o seu coração; na dor, manifestou-lhe o arrependimento pelos seus pecados; com o seu pranto, fez apelo à bondade divina para receber o perdão. Para ela, não haverá outro juízo além daquele que vem de Deus, e esse é o juízo da misericórdia. O protagonista deste encontro é certamente o amor, a misericórdia que ultrapassa a justiça.

Simão, o dono da casa, o fariseu, pelo contrário, não consegue encontrar o caminho do amor. Tudo é calculado, tudo é pensado. Ele mantém-se firme no limiar da formalidade.

O seu juízo contra a mulher afasta-o da verdade e nem sequer lhe permite compreender quem é o seu visitante. Deteve-se

à superfície, na formalidade, e não foi capaz de atentar ao coração. Frente à parábola de Jesus e à pergunta sobre qual dos servos amou mais, o fariseu respondeu corretamente: «Aquele a quem mais foi perdoado». E Jesus não deixa de lho fazer observar: «Julgaste bem» (Lc 7,43). O juízo de Simão só está certo quando se orienta para o amor.

O comentário de Jesus anima cada um de nós a nunca nos determos à superfície das coisas, sobretudo quando estamos diante de uma pessoa. Somos chamados a olhar mais além, a apontar para o coração, para ver de quanta generosidade cada pessoa é capaz.

Ninguém pode ser excluído da misericórdia de Deus. Todos conhecem o caminho para chegar até ela e a Igreja é a casa que a todos acolhe e a ninguém rejeita. As suas portas permanecem escancaradas para que todos os que forem tocados pela graça possam encontrar a certeza do perdão.

HOMILIA,

13 de março de 2015

A MISERICÓRDIA ACIMA DO JUÍZO

Este Ano Extraordinário é um dom da graça. Entrar por aquela Porta significa descobrir a profundidade da misericórdia do Pai que a todos acolhe e que vai, pessoalmente, ao encontro de cada um. É Ele que nos procura! É Ele que vem ao nosso encontro!

Será um ano para crescer na convicção da misericórdia. Quanto mal é dirigido a Deus e à sua graça quando se afirma, sobretudo, que os pecados são castigados pelo seu juízo, sem antepor, pelo contrário, que são perdoados pela sua misericórdia! Sim, porque é precisamente isso que acontece.

Devemos antepor a misericórdia ao juízo e, seja como for, o juízo de Deus será sempre feito à luz da sua misericórdia.

Que atravessar a Porta Santa, portanto, nos faça sentir participantes desse mistério de amor, de ternura. Abandonemos qualquer forma de medo e de temor por não condizer com quem é amado; vivamos, antes, a alegria do encontro com a graça que tudo transforma.

HOMILIA POR OCASIÃO DA ABERTURA DA PORTA SANTA,

8 de dezembro de 2015

O JUÍZO DOS PEQUENOS

Rezemos intensamente ao Senhor, pedindo-lhe que nos sacuda a fim de tornar as nossas famílias cristãs protagonistas dessa revolução da proximidade familiar que, hoje, nos é tão necessária! Dela, dessa proximidade familiar, é feita a Igreja, desde o início.

E não esqueçamos que o juízo dos necessitados, dos pequenos e dos pobres antecipa o juízo de Deus (*Mt 25,31–46*). Não esqueçamos isso e façamos tudo o que pudermos para ajudar as famílias a seguir em frente na prova da pobreza e da miséria que atingem os afetos, os vínculos familiares.

Gostaria de ler mais uma vez o texto da Bíblia, e que cada um de nós pense nas famílias que são provadas pela miséria e pela pobreza. A Sagrada Escritura diz assim: «Filho, não recuses ao pobre o necessário para viver, não sejas insensível ao olhar dos necessitados. Não entristeças quem tem fome, não exasperes quem está em dificuldade. Não perturbes um coração já exasperado, não negues um dom ao necessitado. Não rejeites a súplica do pobre, não desvies o olhar do indigente. Não desvies o olhar de quem te pede, não lhe dêes ocasião de

te maldizer» (*Sir* 4,1–5a). Pois será isso que fará o Senhor — di-lo o Evangelho — se nós não fizermos essas coisas.

AUDIÊNCIA GERAL,
3 de junho de 2015

JUÍZO E CONDENAÇÃO

Julgar os outros leva-nos à hipocrisia. E Jesus define, precisamente, como «hipócritas» aqueles que se põem a julgar. Porque a pessoa que julga erra, confunde-se e é derrotada.

Quem julga erra sempre. E erra porque ocupa o lugar de Deus, que é o único juiz. Na prática, pensa que tem o poder de julgar tudo: as pessoas, a vida, tudo. E, a par da capacidade de julgar, acredita também que tem a capacidade de condenar.

O Evangelho refere que julgar os outros era uma das atitudes daqueles doutores da lei aos quais Jesus chamava «hipócritas». Trata-se de pessoas que julgam tudo. A coisa mais grave, porém, é que, agindo assim, ocupam o lugar de Deus, que é o único juiz. E Deus, para julgar, precisa de tempo, espera. Estes homens, pelo contrário, julgam de imediato: por isso, quem julga erra, pura e simplesmente porque ocupa um lugar que não lhe pertence.

Mas não só erra como se confunde, e fica tão obcecado com aquilo, que quer julgar, relativamente a dada pessoa, que aquele argueiro não a deixa dormir. E repete «Eu quero tirar-te esse argueiro!», sem contudo se aperceber da trave que tem no seu próprio olho¹. Nesse sentido, confunde-se e julga

¹ Alusão ao provérbio *Ver o argueiro no olho alheio e não ver a trave no seu olho*, que significa criticar os defeitos alheios, mesmo que pequenos, e não ser capaz de ver os próprios, ainda que grandes. [N. da T.]

que a sua trave é que é o argueiro. Portanto, quem julga é um homem que confunde a realidade, é um iludido.

E não só: aquele que julga transforma-se num derrotado e não pode deixar de acabar mal, porque a mesma medida será utilizada para o julgar a ele, como diz Jesus no Evangelho de Mateus. E qual é a derrota? A de ser julgado com a medida com que ele próprio julga, porque o único que julga é Deus e aqueles aos quais Deus dá poder para julgar. Os outros não têm o direito de julgar.

Acima de tudo, quem julga acusa sempre. No juízo contra os outros, há sempre uma acusação. Precisamente o oposto daquilo que Jesus faz diante do Pai. Com efeito, Jesus nunca acusa; pelo contrário, defende.

Assim, se nós quisermos seguir o caminho de Jesus, mais do que acusadores deveremos ser defensores dos outros diante do Pai.

Acima de tudo, não julgues, porque, se o fizeres, quando praticares alguma maldade, serás julgado! Essa é uma verdade que convém recordar na vida de todos os dias, quando sentimos vontade de julgar os outros, de falar mal dos outros, que é uma forma de julgar.

MEDITAÇÃO MATUTINA NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE,

23 de junho de 2014

CALAR

O nosso juiz é o Senhor e, se te assomar à boca uma palavra de juízo sobre uma pessoa ou outra, fecha a boca. O Senhor deu-nos este conselho: «Não julgueis para não serdes julgados». Conviver com todas as pessoas com simplicidade, acolher a todos.

Porquê acolher a todos? Para lhes oferecer a experiência da presença de Deus e do amor aos irmãos. A evangelização sente fortemente a necessidade do acolhimento da proximidade, porque esse é um dos primeiros sinais da comunhão de que somos chamados a dar testemunho por termos encontrado Cristo na nossa vida.

DISCURSO,
5 de setembro de 2015

NÃO AOS MEXERICOS

A bondade entre as pessoas é uma virtude um pouco esquecida. Ser gentil, dar o lugar ao outro. Há tantos inimigos da bondade, a começar pelos mexericos, não é? Quando se bisbilhota e se fala sobre a vida alheia, quando se *bate* um pouco nas pessoas... São coisas quotidianas que acontecem a todos. A mim também.

São tentações do Maligno, que não quer que o Espírito venha a nós e crie essa paz, essa mansidão nas comunidades cristãs. Vamos a uma paróquia e ficamos a saber que as senhoras da catequese lutam contra as da Caritas. E essas lutas estão sempre presentes. Inclusive nas famílias ou no bairro. Mas também entre amigos. E isso não é a vida nova.

Quando vem o Espírito e nos faz nascer para uma vida nova, torna-nos serenos, caridosos. Não julgar ninguém: o único juiz é o Senhor. A sugestão é mantermo-nos calados. E, se tenho de dizer alguma coisa, digo-a a ele ou a ela, mas não ao bairro inteiro; só a quem pode remediar a situação.

Este é apenas um passo na vida nova, mas é um passo de todos os dias. Se, com a graça do Espírito, conseguirmos

nunca fazer mexericos, será um magnífico passo em frente. E fará bem a todos. Peçamos ao Senhor que nos manifeste, a nós e ao mundo, a beleza e a plenitude desta vida nova, deste nascer do Espírito que vem à comunidade dos fiéis e nos leva a ser bondosos e caridosos, uns para com os outros. Respeitosos. Peçamos essa graça para todos nós.

MEDITAÇÃO MATUTINA NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE,
9 de abril de 2013

SE UMA PESSOA É GAY

Escreve-se tanto acerca do *lobby gay*. Eu ainda não encontrei quem me apresentasse um bilhete de identidade, no Vaticano, em que estivesse escrito «gay». Dizem que os há. Creio que, quando nos encontramos com uma pessoa assim, deveremos distinguir o facto de se ser *gay* do facto de se criar um *lobby*, porque os *lobbies* — todos os *lobbies* — não são bons. São maus.

Se uma pessoa é *gay* e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la? O Catecismo da Igreja Católica explica isto de uma forma muito bonita ao afirmar: «Não devemos marginalizar essas pessoas por isso; elas devem ser integradas na sociedade».

O problema não é ter essa tendência. Não é. Devemos ser irmãos, porque esse é um problema, mas ainda há outro. Há outro. O problema é fazer dessa tendência um *lobby*: *lobby* de avaros, *lobby* de políticos, *lobby* de *maçons*, tantos *lobbies*. Esse é o problema mais grave para mim.

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DURANTE O VOO DE REGRESSO DO RIO DE JANEIRO,
28 de julho de 2013

COMPREENSÃO E PERDÃO

Compreendo as vítimas de abusos e as famílias que não conseguem perdoar ou que não querem perdoar... Compreendo-as, rezo por elas e não as julgo. Não as julgo, rezo por elas. Uma vez, numa destas reuniões, conheci várias pessoas e, de entre elas, uma mulher disse-me: «Quando a minha mãe soube que tinham abusado de mim, blasfemou contra Deus, perdeu a fé e morreu atea».

Eu compreendo essa mulher. Compreendo-a. E Deus, que é melhor do que eu, também a compreende. Estou certo que Deus acolheu essa mulher. Porque aquilo que foi tocado, aquilo que foi destruído era a sua própria carne, a carne da sua filha. Eu compreendo-a.

Não julgo ninguém que seja incapaz de perdoar. Rezo e peço a Deus — porque Deus é um campeão na busca de um caminho para encontrar a solução — que resolva a situação.

*CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DURANTE O VOO
DE REGRESSO DOS ESTADOS UNIDOS,
27 de setembro de 2015*

A GRAÇA DE ALARGAR O CORAÇÃO

O que significa «alargar o coração»? Antes de mais, significa reconhecer-se como um pecador, não olhar àquilo que fizeram os outros. Então, a pergunta de fundo será esta: «Quem sou eu para julgar isso? Quem sou eu para fazer mexericos sobre isso? Quem sou eu, que já cometi os mesmos erros ou piores ainda?...»

Aliás, o Senhor di-lo no Evangelho: «Não julgueis para não serdes julgados; não condeneis para não serdes condenados;

perdoai e sereis perdoados. Dai e ser-vos-á dado: uma boa medida, cheia, recalcada e transbordante será lançada no vosso regaço».

É essa a generosidade de coração que o Senhor apresenta através da imagem das pessoas que iam buscar o trigo e alargavam o avental para receber mais. Com efeito, quando se tem o coração largo, grande, pode receber-se mais! E um coração grande não se mete na vida dos outros, não condena — perdoa e esquece, precisamente como Deus esqueceu e perdoou os meus pecados.

É este o caminho da misericórdia que nós devemos pedir. Se todos nós, povos, pessoas, famílias, bairros, tivéssemos esta atitude, quanta paz haveria no mundo, quanta paz nos nossos corações... Porque a misericórdia traz-nos a paz!

Lembrem-se sempre disto: quem sou eu para julgar? Seremos capazes de nos envergonhar e alargar o coração, que o Senhor nos conceda essa graça!

MEDITAÇÃO MATUTINA NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE,
17 de março de 2014

O SACERDOTE DE HOJE

Nós, que muitas vezes damos connosco a deplorar esta época em tom amargo e acusador, devemos aperceber-nos também da sua dureza: no nosso ministério, quantas pessoas encontramos que vivem afadigadas por falta de referências para as quais olhar! Quantas relações feridas! Num mundo em que cada um pensa em si próprio como a medida de tudo, já não há lugar para o irmão.

Sobre esse pano de fundo, a vida do nosso presbítero torna-se eloquente por ser diferente, alternativa.

O nosso sacerdote *está descalço* em relação a uma terra que se obstina em julgar e considerar santa. Não se escandaliza com as fragilidades que abalam o espírito humano: consciente de que ele próprio é um paralítico curado, está longe da riqueza do rigorista, bem como da superficialidade de quem se quer mostrar condescendente a baixo preço. Aceita, pelo contrário, tomar o outro a seu cargo, sentindo-se participante e responsável pelo seu destino.

Faz-se próximo de cada um, atento na partilha do seu abandono e do seu sofrimento. Tendo aceitado não dispor de si, não tem uma agenda a defender, mas, cada manhã, confia ao Senhor o seu tempo para se deixar encontrar pelas pessoas e fazer-se encontro. Assim, o nosso sacerdote não é um burocrata nem um funcionário anónimo da instituição; não está consagrado a um papel profissional nem é movido pelos critérios da eficiência.

Sabe que o Amor é tudo. Não procura seguranças terrenas nem títulos honoríficos, que habitualmente levam as pessoas a confiar no homem; no seu ministério, não pede nada para si que ultrapasse as suas necessidades reais, nem está preocupado em ligar a si as pessoas que lhe são confiadas. O seu estilo de vida simples e essencial, sempre disponível, torna-se credível aos olhos das pessoas e aproxima-o dos humildes, numa caridade pastoral que torna as pessoas livres e solidárias.

Servo da vida, caminha com o coração e o passo dos pobres; enriquece-se convivendo com eles. É um homem de paz e de reconciliação, sinal e instrumento da ternura de Deus, atento a difundir o bem com a mesma paixão com que outros cuidam dos seus interesses.

DISCURSO A CEI,
16 de maio de 2016

A MISERICÓRDIA DO CONFESSOR

Os confessores têm diante de si as ovelhas perdidas a quem Deus tanto ama; se não lhes revelarem o amor e a misericórdia de Deus, elas afastam-se e talvez até não voltem mais. Portanto, abraçai-as e sede misericordiosos, mesmo que não as possais absolver. Abençoai-as, de qualquer modo.

Eu tenho uma sobrinha que casou pelo civil com um homem antes que lhe fosse declarada a nulidade matrimonial. Queriam casar, amavam-se e desejavam ter filhos. Tiveram três. O juiz também lhe tinha atribuído, a ela, a guarda dos filhos do primeiro casamento. Este homem era tão religioso, que todos os domingos, quando ia à missa, se dirigia ao confessionário e dizia ao sacerdote: «Eu sei que o senhor não me pode absolver, mas pequei nisto e nisto, peço-lhe a sua bênção». Eis um homem com uma boa formação religiosa.

O NOME DE DEUS É MISERICÓRDIA,
2016

O DRAMA DO ABORTO

Um dos graves problemas do nosso tempo é, certamente, a mudança da relação com a vida. Uma mentalidade muito difundida já fez perder a devida sensibilidade pessoal e social frente ao acolhimento de uma nova vida.

O drama do aborto é vivido por alguns com uma consciência superficial, quase não se dando conta do gravíssimo mal que um ato assim implica. Muitos outros, pelo contrário, embora vivendo este momento como uma derrota, consideram não ter outro caminho a percorrer. Penso, de modo particular, em todas as mulheres que já recorreram ao aborto. Conheço

bem os condicionamentos que as levaram a esta decisão. Sei que é um drama existencial e moral. Tenho encontrado muitas mulheres que levavam no seu coração a cicatriz dessa escolha sofrida e dolorosa.

Aquilo que aconteceu é profundamente injusto; no entanto, só compreendê-lo na sua verdade pode permitir que não percamos a esperança. O perdão de Deus não pode ser negado a quem está arrependido, sobretudo a quem se aproxima, de coração sincero, do sacramento da Confissão para obter a reconciliação com o Pai.

Inclusive por esse motivo, decidi, não obstante qualquer disposição em contrário, conceder a todos os sacerdotes, para o Ano Jubilar, a faculdade de absolverem do pecado de aborto quantos os procurem e, arrependidos de coração, lhes peçam perdão.

Preparem-se os sacerdotes para esta grande missão: que saibam conjugar palavras de genuíno acolhimento com uma reflexão que ajude as pessoas a entender o pecado cometido, indicando-lhes um percurso de conversão autêntica, para chegarem a apreender o verdadeiro e generoso perdão do Pai que tudo renova com a sua presença.

CARTA,

1 de setembro de 2015

CONFISSÃO E JUÍZO

Não somos chamados a julgar com um sentimento de superioridade, como se fôssemos imunes ao pecado; pelo contrário, somos chamados a agir como Sem e Jafet, os filhos de Noé, que pegaram numa manta para proteger o seu pai da vergonha.

Ser confessor, segundo o coração de Cristo, equivale a cobrir o pecador com a manta da misericórdia, para que não se

envergonhe mais e possa recuperar a alegria da sua dignidade filial, e também para que possa saber onde se encontra.

Não é, portanto, com a clava do juízo que conseguiremos trazer a ovelha perdida ao redil, mas com a santidade de vida, que é princípio de renovação e de reforma na Igreja. A santidade alimenta-se de amor e sabe carregar sobre si própria o peso de quem é mais débil. Um missionário da misericórdia leva aos ombros o pecador e consola-o com a força da compaixão. E o pecador que o procura, a pessoa que o procura, encontra um pai.

Vós tendes ouvido, e também eu tenho ouvido, muita gente que diz: «Não, eu nunca me confesso porque me fui confessar uma vez e o sacerdote deu-me na cabeça, ralhou muito comigo» ou «Fui-me confessar e ele fez-me perguntas um pouco estranhas, por curiosidade».

Por favor, esse não é um bom pastor — esse é o juiz que talvez julgue nunca ter pecado ou o pobre homem doente que faz perguntas porque tem curiosidade. Eu, porém, gosto de dizer aos confessores: «Se tu não tens vontade de ser pai, não entres no confessional, é preferível fazeres outra coisa». Porque se pode fazer mal, muito mal, a uma alma se esta não for acolhida com o coração de um pai, com o coração da Igreja-Mãe.

Há alguns meses, falando com um sábio cardeal da cúria romana sobre as perguntas que alguns sacerdotes fazem na confissão, ele disse-me: «Quando uma pessoa começa e eu vejo que ela quer deitar alguma coisa cá para fora, apercebendo-me e entendendo isso digo-lhe: “Já percebi! Fica tranquila!”»

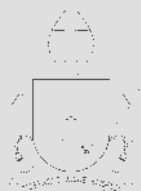
Isto é um pai.

DISCURSO,

9 de fevereiro de 2016

SEGUNDA PARTE

TODOS NÓS SOMOS FRÁGEIS



*De cada vez que julgamos os nossos irmãos
no nosso coração ou, pior, quando
falamos disso aos outros,
somos cristãos homicidas.*

MEDITAÇÃO MATUTINA NA CAPELA DA *DOMUS SANCTAE MARTHAE*,

13 de setembro de 2013

1

DIVORCIADOS, SEPARADOS, RECASADOS

*Os divorciados que vivem uma
nova união fazem parte da Igreja,
não estão excomungados.*

TWITTER,

11 de abril de 2016

PRÓXIMOS DE QUEM ESTÁ EM CRISE

A separação deve ser considerada um remédio extremo, depois de todas as outras tentativas razoáveis se terem revelado vãs.

Os Padres afirmam que é indispensável um discernimento particular para acompanhar pastoralmente os separados, os divorciados, os abandonados. Deve ser acolhido e valorizado sobretudo o sofrimento daqueles que passaram injustamente pela separação, pelo divórcio ou pelo abandono, ou que foram constrangidos, pelos maus tratos infligidos pelo cônjuge, a deixar de conviver com ele.

O perdão pela injustiça sofrida não é fácil, mas é um caminho que a graça torna possível. Daí a necessidade de uma pastoral da reconciliação e de mediação, inclusive mediante centros de escuta especializados a estabelecer nas dioceses.

Ao mesmo tempo, as pessoas divorciadas, mas que não voltaram a casar, que muitas vezes são testemunhas da fidelidade

matrimonial, devem ser instigadas a encontrar, na Eucaristia, o *alimento* que as sustente no seu estado. A comunidade local e os Pastores devem acompanhar essas ovelhas com solicitude, sobretudo quando há filhos ou quando a sua situação de pobreza é grave.

Um fracasso matrimonial torna-se muito mais traumatizante e doloroso na pobreza, porque há muito menos recursos para reorientar a existência. Uma pessoa pobre que perde o ambiente protetor da família fica duplamente exposta ao abandono e a todo o tipo de riscos para a sua integridade.

AMORIS LAETITIA,
N.ºS 241, 242

INTEGRAÇÃO, SIM; EXCOMUNHÃO, NÃO

Que fazemos com os divorciados que voltaram a casar? Que porta se lhes pode abrir? Existe, a este propósito, uma inquietação pastoral: devemos então dar-lhes a comunhão? Dar-lhes a comunhão não é uma solução. Só isso não é a solução. A solução é a integração.

Não estão excomungados. Contudo, não podem ser padrinhos de batismo, não podem ler as leituras na missa, não podem distribuir a comunhão, não podem ensinar o catecismo, não podem fazer sete coisas... — tenho a lista ali. Se eu vos contasse tudo, pareceria até que estão excomungados de facto! Então, há que abrir um pouco mais as portas. Porque é que não podem ser padrinhos?

«Não... Repara, que testemunho vão dar ao afilhado?»
O testemunho de um homem e de uma mulher que dizem: «Olha, querido, eu errei, mas creio que o Senhor me ama, quero seguir Deus, o pecado não me venceu, sigo em frente».

Que tipo de testemunho cristão é esse? Ou, quando aparece como padrinho um daqueles infratores políticos corruptos que temos e que está regularmente casado pela Igreja, a Igreja aceita-o? Que testemunho vai ele dar ao afilhado? Testemunho de corrupção?

ENTREVISTA A LA NACIÓN,
7 de dezembro de 2014

NÃO À DISCRIMINAÇÃO

É importante fazer sentir aos divorciados que vivem uma nova união, que eles fazem parte da Igreja, que «não estão excomungados» nem são tratados como tal, porque formam sempre a comunhão eclesial.

Essas situações requerem um discernimento atento e um acompanhamento de grande respeito, evitando toda a linguagem e atitudes que os façam sentir-se discriminados e promovendo a sua participação na vida da comunidade.

Tomá-los a seu cargo não constitui, para a comunidade cristã, um enfraquecimento da sua fé e do seu testemunho sobre a indissolubilidade matrimonial. Pelo contrário: nesse cuidado, a comunidade manifesta precisamente a sua caridade.

AMORIS LAETITIA,
N.º 243

FAMÍLIAS REPLAY

A família está em crise. Como integrar na vida da Igreja as famílias *replay*, ou seja, as famílias de segunda união — que

por vezes são fantásticas, enquanto as primeiras foram um fracasso? Como reintegrá-las? Que vão à igreja. Então, simplificam as coisas dizendo: «Ah, vão dar a comunhão aos divorciados». Com isto não se resolve nada. Aquilo que a Igreja quer é que tu te integres na vida da Igreja. Contudo, há alguns que dizem: «Não, eu quero comungar e basta». Um distintivo, uma condecoração. Não. Deves reintegrar-te.

Há que integrar as pessoas. Se acreditam, mesmo que vivam numa situação definida como irregular, se a reconhecem e aceitam, sabendo o que a Igreja pensa dessa condição, esta não é impedimento. Quando falamos de integrar, conseguimos entender tudo isto. E ainda acompanhar os processos interiores.

ENTREVISTA,

13 de março de 2015

PORTAS ABERTAS

No encontro com as famílias, em Tuxtla, havia, integrado na pastoral da Igreja, um par de casados em segunda união; a palavra-chave que o Sínodo usou — e que eu retomarei — é «integrar» na vida da Igreja as famílias feridas, as famílias dos que voltaram a casar, e tudo isso. Mas não esqueçamos as crianças, que são o mais importante! São as primeiras vítimas, tanto das feridas como das condições de pobreza, de trabalho, de tudo o resto.

Isto é uma coisa: é o ponto de chegada. É um trabalho de integração... todas as portas estão abertas. Porém, não se pode dizer que a partir desse momento «podem receber a comunhão». Isso seria uma ferida inclusive para os cônjuges, para o casal — isso não os faria percorrer esse caminho de integração. E aqueles dois eram felizes! Usaram, a propósito,

uma expressão muito bonita: «Nós não recebemos a comunhão eucarística, mas recebemo-la ao visitar o hospital, neste serviço, naquele...» A sua integração ficou por aí. Se houver mais alguma coisa, o Senhor dir-lhes-á, mas... é um caminho, é um percurso...

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DURANTE O VOO DE REGRESSO DO MÉXICO,
17 de fevereiro de 2016

NÃO SÓ LEIS MORAIS

Um pastor não se pode sentir satisfeito aplicando apenas leis morais àqueles que vivem em situações «irregulares», como se fossem pedras lançadas contra a vida das pessoas.

Devido aos condicionamentos ou aos fatores atenuantes, é possível que, no contexto de uma situação objetiva de pecado — que não seja subjetivamente culpável ou que não o seja plenamente —, se possa viver em graça de Deus, se possa amar e também se possa crescer na vida da graça e da caridade, recebendo, nesse sentido, a ajuda da Igreja.

Em certos casos, poderia haver, inclusive, a ajuda dos sacramentos. Por isso, recorro aos sacerdotes que o confessor não deve ser uma sala de tortura, mas o lugar da misericórdia do Senhor. Assinalo, de igual modo, que a Eucaristia não é um prémio para os perfeitos, mas um generoso remédio e um alimento para os débeis.

O discernimento deve ajudar a encontrar os caminhos possíveis de resposta a Deus e de crescimento no meio das limitações.

Pensando que tudo é branco ou preto, por vezes fechamos o caminho da graça e do crescimento e desencorajamos percursos de santificação que dão glória a Deus. Recordemos que um pequeno passo, no meio de grandes limitações

humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida exteriormente correta de quem transcorre os seus dias sem se confrontar com dificuldades importantes. A pastoral concreta dos ministros e das comunidades não pode deixar de fazer sua esta realidade.

AMORIS LAETITIA,
N.º 305

QUANDO A SEPARAÇÃO É INEVITÁVEL

Há casos em que a separação é inevitável. Por vezes, até se pode tornar moralmente necessária quando se trata de subtrair o cônjuge mais débil, ou os filhos pequenos, às feridas graves provocadas pela prepotência e pela violência, pelo aviltamento e pela exploração, pela alienação e pela indiferença.

Graças a Deus, não faltam aqueles que, sustentados pela fé e pelo amor aos filhos, testemunham a sua fidelidade a uma ligação na qual acreditaram, por impossível que pareça fazê-la reviver. Nem todos os separados, porém, sentem essa vocação. Nem todos reconhecem, na solidão, um apelo que lhes é dirigido pelo Senhor. À nossa volta, deparamos com várias famílias em situações ditas «irregulares» — eu não gosto desta palavra — e interrogamo-nos sobre muita coisa. Como ajudá-las? Como acompanhá-las? Como apoiá-las para que as crianças não se tornem reféns do pai ou da mãe?

Peçamos ao Senhor muita fé, para vermos a realidade com o olhar de Deus, e uma grande caridade, para nos aproximarmos das pessoas com o seu coração misericordioso.

AUDIÊNCIA,
24 de junho de 2015

NÃO JULGUEIS PARA NÃO SERDES JULGADOS; NÃO CONDENEIS PARA NÃO SERDES CONDENADOS.

Segundo o Papa Francisco, a humildade evangélica leva-nos a não apontar o dedo aos outros para julgá-los, mas a estender-lhes a mão para levantá-los, sem nunca nos sentirmos superiores. Se quisermos seguir o caminho de Jesus, mais do que acusadores, deveremos ser defensores dos outros diante do Pai. Convém recordá-lo na vida de todos os dias, quando por vezes sentimos vontade de falar mal dos outros, de os julgar.

Neste livro, e com base nesta advertência, o Papa Francisco foca-se em diversos temas, sem excluir assuntos polémicos no seio da Igreja Católica – homossexualidade, aborto, contraceção, divórcio, pedofilia, eutanásia, alterações climáticas, liberdade religiosa, entre muitos outros igualmente controversos e aqui abordados.

A posição de Sua Santidade em relação a todas estas matérias e a sua profunda visão humana sobre as grandes questões da atualidade tem constituído incentivo para um frutífero debate dentro da comunidade cristã, além de ter conseguido atrair também a curiosidade e simpatia dos não crentes.

**QUEM JULGA ERRA SEMPRE,
PORQUE OCUPA O LUGAR
DE DEUS, QUE É O ÚNICO JUIZ.**



 <p>nascente o curso da sua vida</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8855-60-2</p>  <p>9 789898 855602</p> <p>Religião</p>
---	--